

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistados: Mariana Luiz da Rocha, Idelina Luiz da Rocha, Maria Joana Ferreira Soares e José Soares Barbosa

Comunidade Moça Santa, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Sai do caminho Curiango, deixa eu passar – Entrevista de Mariana Luiz da Rocha, Idelina Luiz da Rocha, Maria Joana Ferreira Soares e José Soares Barbosa. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Sai do caminho Curiango, deixa eu passar

Comunidade marcada por inúmeras histórias e manifestações culturais Moça Santa é assim chamada por conta dos milagres de uma mulher chamada Rita, que ganhou fama por suas curas entre aqueles que a procuravam. Moça Santa atraiu gente da região e de longe, fazendo cegos enxergarem e deficientes físicos, andarem. É o que contam os mais antigos. Desde então, quase tudo na comunidade foi marcado por ela, como quando se levantou o mastro pela primeira vez, em 4 de fevereiro de 1949, exaltando um de seus milagres, sob as bênçãos do Bom Jesus. Assim, espontaneamente, nesse dia a comunidade celebra Bom Jesus, diferentemente da data original de outros lugares. Período também que exaltam a cultura local, resgatando danças esquecidas por muitos anos, como o Curiango. “Essa é a principal manifestação cultural da comunidade, que começou com o João Levina, pai de José Soares Barbosa, e dona Maria Paula, mãe de Mariana e Idelina Luiz da Rocha. Esse resgate começou no momento em que tomamos contato com as histórias da comunidade, em busca de nossa certificação, a partir de 2004”, nos conta Maria Joana, diretamente responsável pela retomada do orgulho quilombola na comunidade e também de reavivar outras danças, como o Recortado, Vilão de Lenço, Vilão de Braço e mais de 25 outras pesquisadas por ela.

A gente vai pedir para vocês falarem um pouquinho sobre a história desta comunidade. Quais danças permanecem, que religião é a que persiste desde os tempos de seus avós e bisavós, e como ressurgiu esse grupo de manifestação do Curiango? Primeiro gostaríamos de saber o nome e idade de cada um.

Mariana Luiz da Rocha - Eu tenho 74 anos, sou nascida e criada aqui.

Seus pais também eram daqui?

Mariana - Meu pai era daqui, mas minha mãe era de outro lugar.

E os pais do seu pai eram daqui também?

Mariana - Sim, eram daqui.

E a senhora?

Idelina Luiz da Rocha - Nós somos irmãs, eu tenho 74 anos.

Mesma idade, são gêmeas?

Idelina - Pois é, eles tiraram errado nossos registros, disseram que nós somos gêmeas, mas eu sou mais velha que ela. No registro está tudo junto.

E você?

Maria Joana Ferreira Soares - Tenho 47 anos e tem 26 anos que moro aqui na comunidade de Moça Santa.

E o senhor?

José Soares Barbosa - Tenho 60 anos, também nascido e criado aqui.

E seus pais também?

José - Meu pai era lá de Jatobá, mas casou e veio morar aqui onde nos criou até o final da vida, e aqui nós ficamos.

O senhor conheceu os seus avós, de onde eles eram?

José - Só uma avó, era lá de Jatobá.

Vocês se reconhecem como quilombolas, ou de serem netos, bisnetos de escravos? Alguém falou sobre isso com vocês quando crianças?

Mariana - Não, essa coisa de quilombola Maria “arrumou” foi de pouco tempo para cá.

Mas vocês sabiam que eram descendentes de ex-escravos?

Mariana - Não.

Na família de vocês nunca ninguém falou sobre isso?

Mariana - Não, nunca falaram.

E do senhor?

José - Também não.

E você, Maria Joana?

Maria Joana - A gente foi perceber que era quilombola de 2004 para cá. De fato, nós aqui somos originários de quilombolas, mas não tivemos esse conhecimento. Mas de 2004 para cá fomos participando de reuniões, trabalhamos com o pessoal da Fundação Palmares e do Centro de Referência da Cultura Negra. Tomando contato com essa pesquisa deles é que tivemos a percepção de sermos quilombolas. Tanto é que tenho uma história escrita, de um moço nascido em 1923, que contou sobre os primeiros moradores daqui. Daí é que descobrimos sermos de origem quilombola. Eu sou descendente de quilombola e de índio, a minha bisavó foi “pega de cachorro”.

Mariana - Fiquei sabendo que minha bisavó também foi “pega de cachorro”.

Como assim?

Mariana - Pega porque era índia, vivia no mato. Aí minha bisavó foi “pega de cachorro”, eles adotaram ela.

Maria Joana - É tanto que meu pai era bem negrinho e o cabelo bem soltinho, igual o cabelo de índio mesmo.

Então aqui vocês têm a mistura de quilombola com índio?

Maria Joana - Isso, de ex-escravos com índios.

Vocês todos será que são descendentes dessa mistura, de índio com quilombola?

Maria Joana - Eu sou dessa mistura.

Maria Joana - Minha bisavó também era, minha mãe que falava.

“Pegada no mato ou como cachorro”: expressão recorrente entre os habitantes de comunidades quilombolas, com referência a seus ancestrais, avós ou bisavós, que foram capturados em lugares de difícil acesso, como matos fechados ou grotas. São expressões como “pegada no mato”, “pegada como cachorro”.

E a senhora sabe mais alguma coisa dela, de que aldeia ou grupo pertencia, ela era daqui mesmo?

Maria Joana – Não sei, mas ela não nasceu aqui, veio de um sítio mais distante. Veio de Ribeirão do Sítio, depois de Gonçalves de Minas.

Voltando para a questão cultural da comunidade, o Curiango é a principal manifestação de vocês ou tem outras?

Maria Joana - É a principal, e quem começou foi o pai dele (José Soares Barbosa), o João Levina, e a mãe delas (Mariana e Idelina), que é a Maria Paula. Quando a Maria Paula casou ela já trouxe essa dança, mas junto com as pessoas mais antigas, que são o pai dele, mais o Juca Luiz, a Maria, Lucinda, Joana Cabra e Juvita. Foram essas as pessoas que trouxeram essa dança do Curiango.

Depois nós percebemos que a dança do Curiango¹ é herdada de um pássaro que voa de noite. Quando a lua está alumando, a gente vai andando na estrada e ele vai seguindo a gente, e ele vai pulando. Aí as pessoas dizem assim: “sai do caminho Curiango, deixa eu passar”. Era assim, de uma coisa qualquer junto com a criatividade, rimava com aquilo que viu. Eles fizeram essa dança inspirado nesse pássaro, que até hoje existe aqui.

Aí vocês retomaram essa dança há 26 anos?

¹ De hábitos noturnos, o curiango é uma ave de cor marrom acinzentado e com listras castanho-claro. Com essas características ele se esconde com facilidade nas matas. Costuma caçar insetos, pois voa curtas distancias, mas sempre a partir do final da tarde. Seus ninhos são colocados no solo, para manter a camuflagem. Mede cerca de 30 centímetros e dorme durante o dia todo. Fonte: O Eco. Disponível em: <http://www.oeco.org.br/blogs/fauna-e-flora/26879-criatura-da-noite-o-curiango-comum/> e <http://meioambiente.culturamix.com/ecologia/fauna/curiango-em-extincao>

Maria Joana - Não, nós retomamos a partir de 2004, mas tem 26 anos que eu passei a conhecer a Dança do Curiango. Eu ouvia falar, mas não conhecia, porque não sou nascida aqui. Mas a minha mãe falava que existia essa dança. Quando eu já estava aqui, teve uma inauguração da primeira escolinha, e eu pedi para eles dançarem. Era o pai dele que tocava, e a mãe delas, junto com as irmãs que eram muitas. Dançaram o Curiango para eu ver, e gostei, porque é uma dança bonita.

Mas aquilo parou. Com o passar do tempo, teve outra festa na mesma escola, e eu pedi a eles para dançarem o Curiango novamente. Foi quando a mãe dela disse “ah, não, ninguém dança isso mais não”. Mesmo assim elas dançaram. Perguntaram se eu dançava, eu não sabia, mas entrei na roda com elas e gostei demais. Daí passou mais um tempão até 2004, quando fomos tomando conhecimento sobre a cultura quilombola, sugeriram que a gente resgatasse a cultura. Foi então que sentei para conversar com eles e dizer que deveríamos voltar a motivar essas danças.

Falamos com o pai dele, que tocava, mas já estava doente, e a Maria Paula também já não estava conseguindo dançar mais. Mas o conhecimento deles foi passado para a gente, e fomos pegando, além de que, elas aqui sabiam. Fomos aprendendo e também buscando outras danças que dançávamos antigamente, ou que já tinha morrido. Na verdade, essa cultura nossa já tinha morrido e nós resgatamos de 2004 para cá. Só que já perdemos muita coisa.

Além do Curiango, quais outras danças?

Maria Joana - Tem várias. Tem o Recortado², tem o Vilão de Lenço e o Vilão de Braço, tem a Mariazinha, o Tiá, a Maria Chiquinha. Tem várias, eu já escrevi num caderno umas 25 danças, mas não lembro direito. A gente não lembra e não tem espaço para estar dançando tudo. Tem o *Eu Estava na Peneira*, tem o *Beija-Flor*, tem o *Chia Chia*, são várias.

² “Dança popular em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Sul. Cantada e sapateada com o acompanhamento de viola. Com coreografia variada, em Minas Gerais se caracteriza pelas mudanças de lugar que os figurantes fazem com os seus fronteiros. A figura principal costuma ser uma grande roda ou a quadra”. Fonte: Dicionário do Folclore Brasileira, de Luís da Câmara Cascudo

Quer dizer que a partir do Curiango vocês aproveitaram para resgatar outras danças que não aconteciam mais?

Maria Joana - Isso mesmo. Tem o *Titio*, o *Bambu*, tem várias.

Que tipo de instrumentos acompanham essas danças, são sempre os mesmos? O Curiango, por exemplo?

Maria Joana - São sempre os mesmos. O bumbo, pandeiro, viola e sanfona. Na verdade, a sanfona colocamos de pouco tempo para cá, era só viola, pandeiro e o bumbo.

Em que oportunidades vocês apresentam? Em festa? Vocês são chamados em algum lugar?

Maria Joana - Onde chamar a gente para dançar nós dançamos. Principalmente quando tem uma festa da padroeira da comunidade, aí a gente vai. Quando as comunidades chamam para a gente levantar o mastro. Na festa do Rosário, em Chapada do Norte, a gente vai. Mas nós já dançamos em Belo Horizonte, em Santa Rita, Cachoeira, Boa Vista, em Minas Novas.

Aqui na comunidade tem algumas festas, em determinados momentos do ano, em que se dança o Curiango e outras danças?

Maria Joana - Dia 4 de fevereiro é a comemoração do Bom Jesus. O Bom Jesus, na verdade, é comemorado dia 6 de agosto. Mas aqui nós comemoramos dia 4 de fevereiro, porque foi o primeiro dia que, em Moça Santa, se levantou o mastro, 4 de fevereiro de 1949. É tanto que não se fala festa do Bom Jesus, é festa do dia 4 de fevereiro. Teve padre que até já pediu para a gente mudar a festa, mas nós não mudamos, nós não queremos. E pode cair em qualquer dia, pode ser segunda-feira, sábado, domingo, mesmo se tiver chovendo a gente levanta a bandeira, com sol quente, tem que ser naquele dia, nem que seja com 3 ou 4 pessoas, é naquele dia, nós não mudamos.

Qual é o significado de levantar o mastro para vocês? Por que são tão rigorosos com essa data? Qual o significado desse símbolo de levantar a bandeira?

Mariana - O significado é porque a Moça Santa virou santa. O milagre com o Senhor Bom Jesus, onde ela oferecia água, fazia milagre. Vinha muitoromeiro, vinha padre, vinha até

banda de música, quando ela virou santa, tocar aí. Vinha muita gente de longe, que ninguém nem conhecia. Então ela fez esse mastro com o milagre do Senhor Bom Jesus.

Vocês sabem quantos anos tem a comunidade, mais ou menos?

Maria Joana - Eu considero o ano de 1949. Mas certamente foi antes. Começou com essa que chamamos de Moça Santa, mas o nome dela era Rita. Ela era uma moça que fazia milagre, ela curava. Tinha um lugar onde ela pegava água, e que só ela pegava. A pessoa podia chegar doente que ela dava aquela água e pedia ao Bom Jesus que abençoasse, e aquela pessoa saía curada. Chegou aqui pessoa cega, que não enxergava, e ela dava dessa água, tinha um canto que ela cantava, ficava rezando vestida de branco e de véu. Ela dava dessa água e pedia que o Bom Jesus abençoasse. Dava para beber e para banhar o rosto, a pessoa que era cega voltava enxergando, a pessoa que vinha na muleta deixava as muletas e voltava caminhando.

Esses dias mesmo eu vi um senhor, daqui mesmo, contando que teve um cara que recebeu um tiro na cabeça, ficou com a bala na cabeça. Trouxe aqui, deu a água para beber, colocou água no ouvido dele e pediu para ele virar o ouvido, e quando ele virou o ouvido a bala saiu na mão dele. Eu não conheci, mas são pessoas mais velhas que conheceram ela e contam essas histórias. Eu conto o que me contaram, mas elas e ele conheceram também.

A senhora chegou a conhecê-la?

Maria Joana - Eu conheci, eu era pequena, mas conheci. Chegava gente ferida e quando saía, estava boa.

Idelina - Quando eu a conheci estava com 10 anos.

E o senhor lembra dela?

José - Eu lembro que ela morreu no ano em que me casei, mas a idade eu não lembro.

Quer dizer que o nome da comunidade veio por conta dela, isso pode querer dizer que antes dela aqui tinha outro nome?

Maria Joana - Esse córrego aqui antes chamava Córrego dos Macacos.

Idelina - Disse que tinha um mato grosso aqui e que tinha muito macaco. Mas depois que roçou esses matos aí, daí acabou, os macacos sumiram.

Com quantos anos seu pai morreu?

José - Com 86 anos, faz uns quatro anos ou mais.

Como o pai dele era daqui, então a comunidade tem mais de 100 anos, pelo menos. E quantas famílias, aproximadamente, tem a comunidade?

Maria Joana - Entre 55 a 60 famílias. Alguns chegam, outros morrem, então está nessa faixa. Outro dia eu contei 55 famílias, caso eu não tenha deixado alguma para trás.

Depois que vocês receberam esse título da Fundação Palmares, de quilombolas, de 2004 para cá mudou alguma coisa, veio algum tipo de benefício, o que mudou para vocês ficarem sabendo que são descendentes de ex-escravos?

Maria Joana - Mudou. Já recebemos benefícios como essa cisterna de prata, todas as famílias têm. Esse aqui mesmo foi a Seppir (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) e a Eletrobrás que construíram para a gente, porque nós não tínhamos. E de vez em quando vem um projetinho através da associação. O conhecimento que a gente teve foi depois disso, porque a gente nem sabia o que era associação. Tanto que para a gente montar uma associação foi difícil demais, porque a gente não sabia como era.

Isso começou com uma reunião com um cara da Pastoral da Terra e o sindicato. Fizeram a reunião na escola, e eu vim. Daí uma menina de Belo Horizonte, chamada Janete, perguntou o que a gente queria fazer na comunidade para gerar renda, para a gente ter lucro. Tinham três comunidades reunidas, esperei eles responderem, mas não responderam. Daí eu disse a eles que meu sonho era a gente ter um espaço para a gente trabalhar com os jovens, para não precisar ir para São Paulo. Estavam abandonando os estudos, faziam só a 4ª série e depois iam para São Paulo. Eu queria manter esses jovens aqui. Daí ela disse que eu tinha uma semana de prazo para enviar o projeto para ela, mas eu nem sabia o que era projeto. Me disseram para procurar o sindicato, procurei, mas eles também disseram que não sabiam, e eu deixei. Daí um dia ligou para mim uma menina da Eletrobrás, me convidando para ir numa reunião em Salvador. Fui eu e minha cunhada

para Salvador. Só depois dessa reunião é que nós criamos a associação. Então, veio o pessoal da Eletrobrás que, no início, era Petrobrás, depois passou para Eletrobrás, daí passou para o Centro de Referência de Cultura Negra de Belo Horizonte, e foram eles que deram toda a força para que a gente adquirisse a associação.

Além dessa festa do dia 4, tem outras festas importantes aqui da comunidade, que são comemoradas todos os anos?

Maria Joana - No Natal a gente também faz festas. Mas a nossa festa mesmo é no dia 4 de fevereiro, essa é tradicional. A gente faz outras festas, coloca mesa de leilão, faz um forró, mas a tradicional é a do dia 4 de fevereiro.

A religião de vocês é católica, todos vocês?

Maria Joana - É católica, mas aqui já tem bastante gente de outra religião, já está quase meio a meio.

E o candomblé, não tem?

Maria Joana - Tem.

Durante as festas quais comidas que tem e que sempre estiveram na comunidade?

Maria Joana - Tem o angu, polenta, feijão tropeiro, angu com ora-pro-nóbis, a canjiquinha que a gente mantém até hoje. Mas também quando a gente faz a festa aqui, para facilitar, estamos fazendo arroz com frango, além de biscoito e bolo de fubá enrolado em folha de banana.

E o bolo de folha, sabem se seus antepassados também consumiam?

Maria Joana - O bolo de folha é muito antigo mesmo, desde os antigos, minha mãe fazia bastante.

E o angu?

Mariana - Minha mãe gostava mais de comer angu que arroz.

Maria Joana - Angu, canjiquinha, ora-pro-nóbis e tinha o macunã. Mas hoje, graças a Deus, a gente não precisa mais comer o macunã, que é uma raiz que pegava lá no mato, uma coisa muito difícil. Mas graças a Deus hoje não precisa mais.

Mariana - O macunã é igual mandioca, uma raizona comprida, fazia mingau, angu, mas numa época que não tinha nada.

Idelina - Tem o biju, da massa da mandioca também, que faz ainda.

Os mais jovens, as crianças, vocês estão passando para eles o Curiango e outras danças?

Maria Joana - Nós estamos passando, mas hoje eles não estão tendo interesse não. É tanto que nosso grupo tinha 45 pessoas, e hoje acho que não chega nem a 15 pessoas. As meninas estão casando, e depois que casa não dança mais. Tem também a questão do estudo. Aqui só faz até o 3º ano e depois tem que sair para estudar e trabalhar. Só este ano já saíram seis do nosso grupo.

Quando eles saem daqui eles vão para onde?

Maria Joana - Eles vão para o interior de São Paulo.

Para fazer o quê?

Maria Joana - Para trabalhar, apanhar café...

Idelina - ... corte de cana...

Maria Joana - ... para o corte de cana, os jovens até que não estão indo muito não. Mas entram nessas usinas de cana.

Idelina - Colher laranja.

Eles mandam o dinheiro para cá?

Maria Joana - Não. Graças a Deus, hoje, as famílias não estão precisando. Às vezes o meu filho vai para lá trabalhar, mas ele vai fazer para ele mesmo, eu não preciso que ele me mande o dinheiro dele. O dinheiro dele é para ele, eu mesmo estou com dois filhos lá, mas o que ele faz é para a vida dele.

Esses que saem para a colheita do café e corte da cana falam como é a situação do trabalho deles lá, se eles conseguem ganhar alguma coisa, ou se é muito difícil?

Maria Joana - Sim, eles ligam toda semana para falar, e hoje em dia liga até que quase todo dia. É assim, trabalha três ou quatro meses para passar oito meses. Que o dinheiro que entra aqui é o que eles buscam lá na colheita de café e corte de cana. Então esse dinheiro é dividido por um ano. Por exemplo, eu trabalho quatro meses, mas sabendo que tenho que passar com esse dinheiro mais oito meses com o mesmo dinheiro.

Aqui tem plantio de quê?

Maria Joana - Milho, manába, feijão e cana. Antes a gente plantava de tudo, arroz, feijão, só que agora está dando pouca chuva. Feijão e arroz não estão dando mais. Daí não plantamos, ou só bem pouquinho. De primeiro a gente vivia só com isso, milho, feijão, arroz, abóbora, quiabo. Essas outras coisas ainda plantam, o milho, feijão, a cana, manába, o feijão andu, feijão fava, feijão de corda, abóbora, ainda planta. Fazemos uma hortinha.

De artesanato, tem alguma coisa que vocês produzem aqui?

Maria Joana - Aqui tem umas pessoas que aprenderam bem a fazer o cesto com palha de milho. Mas com a estiagem dá pouco milho, e com a palha que tem não dá para fazer. Tem a argila também, para fazer as panelas de barro, e tem bastante gente aqui que faz. Mas a juventude não gosta muito de fazer. Porque faz, mas não é um dinheiro que chega na hora, é preciso esperar. Nem transporte a gente tem para carregar essas coisas. Mas saber o pessoal sabe, a panela de barro, o cesto de palha de milho, de palha de banana. Só que essa matéria-prima fica em falta para nós também, porque se não tiver a chuva não tem o milho e não tem a palha da bananeira.

Aqui na com comunidade tem escola?

Maria Joana - Tem a creche, o prezinho e da 1ª até a 8ª série, aqui na comunidade. Depois disso vai para Boa Vista, aí tem o carro que pega. E lá faz do 1º ao 3º ano do ensino médio. Daí os que podem continuar, continuam; os que não podem, param. A maioria só faz mesmo até o 3º ano.